

VISÃO DO CORREIO

A França em chamas

Berço de uma revolução que redefiniu a história do Ocidente, a França está novamente às voltas com uma insurreição. A escalada da violência urbana e o isolamento do presidente Emmanuel Macron expõem o esgotamento do modelo tecnocrata e arrastam a Europa para uma perigosa incerteza geopolítica, que pode acabar mudando o mapa do poder mundial.

O que começou em meados de setembro com estudantes do ensino médio bloqueando escolas na periferia de Paris se transformou, em cinco semanas, na maior mobilização de rua do país em anos. A alta dos combustíveis desde o início do conflito no Oriente Médio, o custo de vida fora do alcance de boa parte da população e anos de acúmulo de insatisfação convergiram num movimento que une ex-coletes amarelos, sindicalistas, ativistas climáticos e estudantes.

No sábado, cerca de 550 mil pessoas foram às ruas em todo o país, segundo o Ministério do Interior (os sindicatos falam em 800 mil). A prefeitura de Limoges, na região da Nova Aquitânia, inaugurada em 1883 e classificada como patrimônio histórico, foi invadida e incendiada. O campanário desabou durante a noite. Confrontos ocorreram em Paris, Marselha, Rouen, Nantes, Toulouse e dezenas de outras cidades. O balanço foi atualizado neste domingo: 1.800 detidos, mais de 500 policiais feridos, um manifestante morto em Paris após parada cardíaca.

A resposta do governo foi de repressão e firmeza declarada. O primeiro-ministro Sébastien Lecornu prometeu punir os responsáveis pelos distúrbios e acusou a esquerda radical de Jean-Luc Mélenchon de estar por trás da violência. O estado de emergência foi descartado, mas o tom oficial é de controle.

Personagem central dessa crise, Macron caminha para um fim de mandato



POR PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Já se posicionou hoje?

A política brasileira encontra nas redes sociais um palco em que a declaração de voto pode se transformar em instrumento de mobilização. No segundo turno das eleições presidenciais, artistas e personalidades públicas voltam a ocupar esse espaço com uma intensidade que contrasta com as cobranças feitas durante a primeira etapa da campanha, quando parte desse grupo foi criticada pela ausência de posicionamentos mais explícitos. A movimentação reacende uma velha discussão sobre o papel das celebridades na vida pública, mas acrescenta um ingrediente próprio do nosso tempo: a capacidade de transformar uma manifestação individual em acontecimento digital.

Entre os nomes que entraram nessa conversa, a vencedora do *Big Brother Brasil 26*, Ana Paula Renault, e a cantora Anitta carregam um capital de visibilidade construído para além da política, alcançando públicos que nem sempre acompanham o noticiário eleitoral ou se interessam pelas disputas partidárias. Quando essas figuras declaram suas preferências, a repercussão se estende à reação dos fãs, às manifestações de apoio ou reprovação, às respostas de outros artistas e à multiplicação de interpretações nas plataformas digitais. O posicionamento deixa de ser apenas uma opinião pessoal e passa a integrar uma conversa coletiva sobre o país.

O fenômeno também revela uma mudança na expectativa do público em relação a quem ocupa o espaço da fama. Em uma sociedade atravessada pela polarização, o silêncio de uma personalidade pode ser interpretado como omissão, enquanto uma declaração explícita tende a ser recebida como demonstração de coragem ou compromisso — como o movimento com postagens nas redes sociais usando camisa verde-amarela e fazendo o L com a mão demonstrou no último sábado.

melancólico, faltando pouco mais de sete meses para sua saída do cargo. Já no quinto primeiro-ministro em menos de três anos, sem maioria parlamentar e com aprovação em queda, o fim da era Macron abre uma janela perigosa. A extrema-direita de Marine Le Pen e seu partido, o Rassemblement National, observam os distúrbios com atenção. Uma França exausta, raivosa e sem saída institucional clara é o terreno mais fértil para um movimento que promete ordem, fronteiras fechadas e nacionalismo exacerbado como resposta para a crise.

O problema de uma vitória que provoque uma ruptura drástica na política francesa vai muito além da própria França. Ao contrário do Reino Unido, que orbita Washington com consistência e hoje está à deriva fora da União Europeia, e da Alemanha, historicamente atrelada à cautela fiscal e à estrita dependência militar transatlântica, a França foi sempre um contraponto sério e seguro aos Estados Unidos no bloco ocidental na política externa, na cultura, e no modelo econômico. Uma França alinhada ao trumpismo, hostil ao multilateralismo e com simpatias declaradas por Putin seria uma ruptura sem precedente no projeto da União Europeia. O bloco perderia seu principal contrapeso interno. E o mundo ganharia mais uma variável de instabilidade num momento em que já tem variáveis demais.

A Revolução Francesa de 1789 começou nas ruas e terminou mudando o mundo. O que acontece hoje tem escala e natureza diferentes, mas a França sempre foi um país cujas crises internas produzem ecos globais. O mundo observa com apreensão os próximos passos do movimento francês, torcendo por um desfecho que traga alguma estabilidade num cenário internacional já suficientemente caótico e fraturado para suportar mais uma frente aberta.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredit.df@dabr.com.br. O Correio reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Gastança não para

O presidente candidato, apesar de uma série de proibições e condutas vedadas pela Justiça Eleitoral, continua usando a estrutura do governo para fazer campanha eleitoral. Novos programas sociais, como pacote aos microempreendedores individuais, ao custo estimado de R\$ 15 bilhões; distribuição de canetas emagrecedoras, ao custo de R \$ 1,5 bilhão por ano; e reajuste do Bolsa Família, que custará R\$ 5,8 bilhões em 2026 e R\$ 22,7 bilhões por ano a partir de 2027. Enquanto a gastança continua, aumentando o rombo fiscal, o país continua sem segurança, sem saneamento adequado, com transporte precário, baixo nível educacional e tantas outras coisas importantes deixadas em segundo plano. Por que a Justiça Eleitoral não se manifesta?

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

Tempos sóbrios ou sombrios

Suponhamos que, eleito deputado federal com mais de 3 milhões de votos, ele se ajoelhe em lágrimas e agradeça a Deus, muito emocionado. Dias depois, direciona uma fala em TV aberta à sua oposição política: “O desespero de vocês me deixa muito feliz. Porque nós realmente somos uma ameaça a vocês. Vocês são a minoria e, como minoria, a gente vai colocar vocês no devido lugar”. Se temos o processo eleitoral democrático como contexto dessa fala, é natural e espera-se que, de imediato, surja um mal-estar ao ouvir tal ameaça franca. Se, por outro lado, temos um país altamente cristão como contexto, essas palavras deveriam também surtir outro mal-estar. Porém, os valores estão invertidos: tais palavras, quando não recepcionadas com normalidade e silêncio, surtem regozijos e entusiasmos de democratas e cristãos. Então, existe um impasse: que Deus, que pátria, que família e que democracia solidifiquem sua felicidade no desespero do próximo?

» **Wallace Felipe Ferreira da Silva**
Asa Norte

Arrependimento

Esta eleição para presidente da República me faz lembrar um episódio do filósofo Sócrates. Certa vez, os discípulos perguntaram: “Mestre, o que nos aconselhas: o celibato ou o matrimônio?”. Ao que ele respondeu: “Nesse assunto, não vos dou conselho algum, pois qualquer das duas opções que escolherem, se arrependerão mais tarde”.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

No artigo “Composição da Câmara: quem ganha quando as regras mudam?”, João Pedro Martins, Ana Beatriz Oliveira da Silva e Maria Letícia dos Reis Wendt, membros do Observatório do Congresso da UnB, escrevem sobre como ficaria a Casa Legislativa se fossem adotados outros modelos de sistema eleitoral. Confira no site do **Correio**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Esses projetos a toque de caixa para ganhar as eleições enfraquecem o sistema democrático. Não há um processo de análise e discussão indispensável. É uma das raízes da abstenção.

Marcos G. Figueira — Sudoeste

Eleição da vergonha: interferência da Meta, omissão e escândalo do STF, passionalidade do TSE, postura da Rede Globo. O fim da democracia é quando se perde a fé nas instituições e na imprensa.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Se um país não suporta o “fardo” de ter uma população que possa trabalhar e ter uma vida digna, então, essa nação errou. Se uma nação pensa em lucros enquanto vê seus compatriotas doentes de tanto labutar, então precisamos de uma revolução!

Gleyson Stabile — Paraná

Fim da escala 6X1: 90% de quem seria beneficiado não irá, de fato, aproveitar. O aumento do custo de vida é uma consequência direta dessa mudança, e isso incide mais sobre quem ganha menos.

Augusto B. de Andrade — Rio Grande do Norte

Boa gestão

Estive hoje na agência da 913 sul do Detran, a fim de realizar os procedimentos de biometria para renovar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Confesso que fiquei surpreso com a rapidez do atendimento humanizado que me foi prestado. Parabéns aos gestores e aos servidores daquela autarquia. É um exemplo de boa gestão a ser seguido pelos demais órgãos do GDF.

» **José Leite Coutinho**
Sudoeste

Podcast do Correio

Confira os mais recentes episódios do podcast que reúne jornalistas do **Correio** e convidados especiais em um bate-papo sobre política e os assuntos mais relevantes do momento.



QR Code
Podcast do
Correio

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.


 Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 
 D.A Press Multimídia
 Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
 SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
 E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br